

Contribuições da Cultura Adolescente e da Androginia à Sexologia

1

Oswaldo Martins Rodrigues Júnior¹

estudo da sexualidade humana pode e deve incluir dois conceitos que se mostram interligados: o de adolescente e sua cultura e o de androginia.

O CONCEITO DE ADOLESCÊNCIA

Várias são as definições para adolescência, geralmente implicando em subjetividade, dificultando a própria definição do termo. English e English (1968) definem adolescência como o período que começa a puberdade até se conseguir maturidade, um estágio de transição durante o qual o jovem está se tornando adulto, convencionando limites de 12 a 21 anos para as garotas e de 13 a 22 anos para os meninos. Reber (1985) apenas inclui para a finalização da adolescência os termos maturidade fisiológica ou psicológica, lembrando que o termo é muito menos preciso do que aparenta, uma vez que o final do período de puberdade e o início da maturidade são virtualmente impossíveis de se definir efetivamente. Harré e Lamb (1983) procuram descrever, objetivando o processo de maturização: mudanças corporais rápidas e o efeito no autoconceito; impacto do crescimento precoce e tardio e efeitos psicológicos de longo prazo.

1. Psicólogo, psicoterapeuta sexual do Instituto H. Elks (SP).

Recebido em 14.04.91

Aprovado em 26.04.91

O CONCEITO DE ANDROGINIA

Faz-se importante definir bastante claramente a androginia, a qual é confundida com outros conceitos em muitos textos e fontes bibliográficas de referência.

Fisiologicamente, o termo tem sido usado denominando um homem que apresenta características estruturais (ou, por extensão, comportamentais) da mulher (English e English, 1968). O termo se faz confundir com hermafroditismo, que devemos restringir à condição de ambigüidade de genitália, sem considerações comportamentais. Apesar de etimologicamente o termo não se diferenciar de hermafroditismo, deve ser aplicado a pessoas em termos psicológico-comportamentais, em que, geralmente, não há, exceto em raros casos, comprometimentos biológicos/genéticos de ambigüidade genital. Popularmente, o homem andrógino receberia a caracterização de efeminado, devido às características, em termos sociais, associadas à feminilidade. Dorian (1987) descreve a androginia como um pseudo-hermafroditismo, considerando um indivíduo geneticamente masculino com influências provavelmente hormonais que determinam uma tendência para a sexualidade da mulher.

O termo androginia também tem sido mal compreendido, de forma que, quando se ouve defender a androginia, muitos pensam estar sendo promovida uma cultura andrógina, ou sexualmente ambivalente, onde homens e mulheres tornam-se indistintos uns das outras. Porém, o que se defende é a esperança de liberdade para que cada homem e cada mulher sejam tudo o que são, incluindo ou não as qualidades chamadas femininas para os homens (sensibilidade, intuição) e as chamadas qualidades masculinas para as mulheres (força e vigor físicos).

O andrógino deve ser encarado como um espírito de reconciliação entre os sexos e, mais além, com um amplo espectro de experiências aberto a todos os indivíduos, os quais podem, como as mulheres, ser agressivos, ou como os homens, serem suaves; um espectro onde seres humanos escolhem seus lugares e comportamentos sem que haja preocupação com o social ou o tradicional (Heilbrun, 1973; Maggio, 1987). O conceito de androginia trouxe a possibilidade de que as subculturas feminina e masculina possam ser juntadas numa pessoa ideal, apesar de que o lado feminino da equação ainda precisa ser confirmado, pois o termo androginia geralmente é aplicado ao homem, além de muitas vezes ser usado de forma que não a proposta, mas de maneira que faz com que os níveis de ansiedade se elevem para um conceito de unissexualidade (Steinem, 1983).

O conceito de unissexualidade foi muito explorado através dos meios de comunicação, em especial a mídia eletrônica televisiva, de forma satírica, contribuindo para o aumento da ansiedade na aplicação do termo, provocando um estado de evitação de identificação com o conceito. Sanford (1980) afirmou que o homem acostumou-se a pensar em si mesmo somente como um homem e a mulher, somente como uma mulher, apesar de fatos psicológicos indicarem o ser humano como andrógino. Freud já considerava o ser humano com capacidades psicológicas que podemos denominar andróginas. Também encontramos detratores do termo, como a feminista Mary Daly (1978), que considera o termo androginia uma abominação, tentando juntar características opostas e antagônicas.

English e English (1968) utilizaram-se do termo “gynandria” para a mulher com aparência marcadamente masculina ou que possui uma combinação de caracteres sexuais femininos e masculinos, diferenciando-o de “viraginia”, utilizado para a mulher com características mentais masculinas (English e English, 1968) ou para a mulher, biologicamente, com sentimentos de que deveria ser homem (Reber, 1985). Esta última definição tem recebido mais genericamente a denominação de “transexualismo”, o qual, segundo Reber (1985), recebe alguns critérios para sua identificação:

- desconforto quanto à própria identificação;
- desejo profundo e persistente de ser um membro do outro sexo (identificando-se com a identidade de gênero do sexo oposto - Stoller, 1968);
- desejo de modificar a própria genitália;
- ausência de outras desordens psicológicas ou anormalidades anatômicas ou genéticas, tais quais hermafroditismo.

Esta classificação implica, então, numa desordem de identidade de gênero ou, como Bianco (1988) descreve, numa alteração em nível de fator anatômico de estrutura encefálica. Preferimos a classificação de desordem de identidade de gênero. Definimos identidade de gênero como a identidade experienciada por uma pessoa quanto à própria individualidade como homem ou como mulher, como experiência interna a qual pode ser expressa externamente como papel sexual, indicando aos outros socialmente a afiliação à masculinidade ou feminilidade (Reber, 1985). Então, a desordem de identidade de gênero é um título para os sentimentos de inapropriedade e desconforto quanto à própria anatomia e papel sexuais; nesta categoria incluem-se o transexualismo e o travestismo. Entre os transexuais, as mulheres mostram-se mais propensas, durante a infância, a ter comportamentos do sexo oposto, além de se vestirem mais freqüentemente como meninos (Verschoor e Poortinga, 1988).

Diferenciado do transexualismo, o travestismo deve ser definido como o desejo persistente de se vestir como o sexo oposto, fazendo com que a pessoa em questão sinta-se desconfortável em vestes do próprio sexo; esta definição implica em padrões sociais de vestimenta culturalmente aceitos para cada sexo (English & English, 1968; Reber, 1985). Travesti, para ser considerado como tal, apenas não deve ter desejo de mudar seu sexo anatômico (Reber, 1985). Artistas profissionais que se vestem como pessoas do outro sexo podem ou não ser travestis na classificação de desordem de identidade de gênero². Encontramos, também, o travesti que se utiliza desta estratégia (o uso de roupas do outro sexo) como forma de obtenção de prazer sexual, o que é classificado por muitos estudiosos como um desvio ou perversão sexual ou parafilia (Fucs, 1987; Bianco, 1988; Goldenson & Anderson, 1989). Devemos diferenciar, também, o travestismo e o transexualismo da homossexualidade, a qual diz respeito ao objeto de escolha sexual, ou seja, o desejo sexual dirigido -a pessoas de mesmo sexo, naturalmente não impedindo que haja uma desordem de identidade de gênero, porém sem que isso seja uma condição obrigatória.

Dentro das desordens de identidade de gênero podemos ter um extremo de não conformidade de gênero, onde há um fracasso em se conformar com a caracterização social do comportamento apropriado para um determinado sexo, a exemplo de crianças cujas preferências por brinquedos e outras atividades lúdicas estão geralmente associadas com o sexo oposto e que não demonstram os sinais comuns e socialmente aceitos e determinados de propriedade do próprio sexo (meninas que simplesmente “não se sentem” muito femininas, ou meninos que “não se sentem” muito masculinos); esta condição pode ou não estar associada a distúrbios adolescentes e de vida adulta no que respeita identidade de gênero, escolha sexual ou comprometimentos psicosssexuais.

A androginia pode ou não incluir o conceito de bissexualidade, ou seja, pessoas cujos objetos de desejo sexual incluem tanto homens quanto mulheres (Reber, 1985; Goldenson & Anderson, 1989). O termo ambissexual já foi usado no mesmo sentido, assim como inversão anfigena, porém é mais comum a denominação bissexual (Reber, 1985).

2. A exemplo do filme *Victor ou Vitória*, onde a personagem principal, vivida por Julian Andrews, usa roupas masculinas, para, passando-se por homem, conseguir um emprego de cantor, sendo que fora rejeitada como cantora; ou no filme *Tootsie*, em que o personagem vivido por Dustin Hoffman só obtém um emprego como “atriz”.

Enfim, optamos pelo sentido psicossocial para o termo androginia ligado ao papel sexual e social, incluindo características sociais de ambos os sexos (também referido como androginia psicológica - Bem, 1974, 1975).

A CULTURA ADOLESCENTE

Os adolescentes na cultura ocidental, judaico-cristã, tendem a formar grupos que lhes forneçam apoio mútuo neste período de mudanças e adaptações físicas, psicológicas e sociais.

Os grupos adolescentes têm características específicas a não é incomum que incluam comportamentos antissociais e de negação dos padrões dominantes, razão pela qual são fonte de preocupação geral, em específico dos pais. A preocupação recai na mudança de padrões de comportamento individuais e sociais, apesar de que para a maioria dos adolescentes a influência familiar supera as influências grupais nas questões de maior importância (Brittain, 1963 e Larsen, 1975, citados por Forisha-Kovach *in* Corsini, 1984).

No geral, os adolescentes se beneficiam da associação a grupos. Em primeiro lugar, amizades de mesma faixa etária fornecem um espaço para o adolescente desenvolver os comportamentos sociais e uma forma de enfrentar os sentimentos de solidão, frequentemente experienciados na fase de adolescência. Em segundo lugar, o grupo de adolescentes prevê um ambiente, inicialmente com amigos do mesmo sexo, depois com os do sexo oposto, onde podem explorar sua própria identidade e descobrir quem são (Douván & Adelson, 1966, citados por Forisha-Kovash *in* Corsini, 1984). Finalmente, embora o grupo enquadre o adolescente segundo suas próprias regras, em especial na faixa de 13 a 15 anos de idade, o grupo prevê um ponto de apoio para o adolescente em sua busca por independência de sua família para tornar-se adulto. Alguns jovens, no entanto, tornam-se completamente dependentes do grupo para apoio social e expectativas comportamentais. Estes jovens, uma minoria, são dominados pelas regras do grupo e geralmente se sentem perdoados pelo mundo adulto. Este subgrupo é o que representa os medos dos adultos quanto aos grupos de adolescentes de mesma idade, pois geralmente atentam contra a ordem estabelecida, engajam-se em atos antissociais a tentam criar um mundo que satisfaça suas próprias necessidades em oposição aos outros.

Devemos lembrar que em muitos países a desagregação da célula familiar e as conseqüentes novas uniões fornecem um tipo específico de experiência para o adolescente: maior variedade de

experiências familiares. O resultado são grandes oportunidades e grandes conflitos. Qualquer que seja a experiência, a família continua sendo a maior contribuinte para a formação da personalidade individual.

O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE ADOLESCENTE

O comportamento sexual adolescente é dirigido por normas e expectativas culturais muito fortes, as quais variam de cultura para cultura e dentro de grupos sociais e regiões geográficas de uma mesma cultura.

Nos ambientes urbanos, o adolescente, embora seja tratado como uma criança crescida, sem ser responsabilizado como adulto, já é forçado a seguir normas pré-determinadas para seu comportamento sexual. No entanto, tais regras e normas pré-estabelecidas são conflitantes, pois também permitem atividades sexuais em adolescentes sob certas circunstâncias, sendo que as gerações anteriores ditavam regras explícitas de proibição de expressão sexual adolescente. O resultado é que o adolescente experiencia ambivalência quanto à expressão sexual devido às normas e regras sociais conflitivas. A maturação de capacidades sexuais e a impossibilidade ou conflitos quanto à expressão sexual causam tensão. A sexualidade adolescente simboliza as mudanças ocorridas na adolescência.

Para alguns teóricos, a postulação freudiana da eclosão de energias ainda não controladas, surgidas na adolescência, devem ser mais fortes no homem do que na mulher, sendo que a iniciação sexual do homem é, geralmente, anterior em idade à da mulher (Sintex do Brasil, 1983). Simon e Gagnon (citados por Corsini, 1984) acreditam que a sexualidade adolescente é uma resposta aprendida em função de expectativas sociais. Na sociedade ocidental judaico-cristã espera-se que os garotos mostrem que estão sexualmente ativos e que as garotas estejam mais interessadas em amor do que em sexo, e, então, ambos procuram preencher tais expectativas. Conseqüentemente, cada sexo procura seguir seus scripts e apreende os comportamentos esperados por nossa cultura. Outros pontos de vista caem entre as motivações interiores e a modelagem social, sendo que a sexualidade é uma área de expressão da integração, ou não, da personalidade. Outros pesquisadores, a exemplo de Strouse e Buerkel-Ruthfuss (1987), apontam para características que aparentemente contradizem estas perspectivas: a mulher consome mais material relativo à sexualidade exposta pelos meios de comunicação.

O período de adolescência implica num momento de estudo de modificações a serem alcançadas. Segundo Kohlberg (citado por Corsini, 1984), após uma fase de aprendizado das regras da comunidade e da sociedade (estágio convencional) vem a consideração da experiência própria e a necessidade de ir além das leis aceitas socialmente, considerando as excessões (estágio pós-convencional). Este modelo do desenvolvimento moral de Kohlberg tem se mostrado controverso, e há pesquisas cujas conclusões se apresentam pros e contras.

Spence, Helmreich e Stapp (1975), através de um questionário de atributos pessoais, aplicado em adolescentes, constataram que os indivíduos andróginos recebiam mais "honras e recompensas", namoravam mais e tinham menor incidência de doenças infantis. Desta forma, as atitudes andróginas ligam-se à adolescência a sua sexualidade com uma utilidade social para o desenvolvimento de atitudes adultas adequadas, sem a concorrência de sentimentos negativos e de desvalorização, facilitando o processo de amadurecimento do indivíduo.

Aparentemente, as últimas décadas têm estimulado o adolescente a desenvolver uma postura mais andrógina e menos bipolar masculino-feminino.

A postura socialmente andrógina reafirma a necessidade de conformação/contestação do adolescente. Torna-se a forma do adolescente desenvolver-se socialmente e ao seu papel masculino e feminino. A adolescência é o período em que o indivíduo pode resolver definitivamente sua identidade (Erikson, 1959). Isto não implica em uma pessoa andrógina, mas num homem ou uma mulher com características psicológicas e sociais de entedimento mútuo e possivelmente, no futuro (em termos de gerações históricas), surgirão casais mais compatíveis com um relacionamento de integração homem/mulher.

Esta forma de ser, este papel sócio-sexual andrógino pode ser uma forma de maior saúde psicológica (Bem, 1974, 1975), visto que as pessoas que apresentam uma tipificação sexual definida têm maior motivação para conservar a consistência do padrão do papel sexual, internalizado, o que presumivelmente se acompanha de supressão de qualquer comportamento considerado indesejado ou inapropriado para seu sexo (Kagan, 1964; Kohlberg, 1966).

A conquista da maturidade requer uma emancipação gradual em relação aos pais, com o estabelecimento de um estilo de vida independente, o sentido consciente de unicidade de indivíduo, um compromisso com um tipo de objeto sexual e o desenvolvimento do autocontrole. Esta conquista é estudada e experimentada especial-

mente junto aos grupos adolescentes e, na dependência histórica e social desta conquista, o adolescente pode desenvolver as características de ambivalência de papel sexual (androginia).

Os movimentos de educação e orientação sexuais (a exemplo de Rodrigues Jr., 1989), especialmente surgidos na década de 70, envolvem a possibilidade de discussão da sexualidade e dos papéis sexuais junto a adolescentes. Tal possibilidade pode facilitar o desenvolvimento de papéis mais flexíveis, digamos mais andróginos (ou ginândricos!).

Porém, não se trata de fazer uma apologia da androgina, apenas o apontar de uma situação futura possível dentro dos moldes apontados.

A SEXOLOGIA, O ADOLESCENTE E O ANDRÓGINO

Como estudo da sexualidade humana, a sexologia necessita debruçar-se sobre todos os aspectos a ela concernentes. A androginia e, em especial, o período social em que mais se possibilita seu desenvolvimento - a adolescência - necessitam da atenção dos estudiosos da sexualidade, visto que tal assunto pode e deve contribuir para o trabalho prático dos chamados sexólogos, terapeutas sexuais e educadores/orientadores sexuais.

Também se faz necessária a atenção do profissional da área da sexualidade humana para que tais temas não sejam apenas mais rótulos, definições e conceitos a serem aplicados aos pacientes e orientandos.

A postura ética e humanista do profissional deve conduzi-lo a considerar os aspectos andróginos, primeiramente, como humanos, e então, do ponto de vista histórico e social, para explicar e interferir nos processos desenvolvimentais das pessoas que o procuram, segundo o desejo destas últimas.

Devemos nós, os profissionais do campo (psicólogos, urologistas, ginecologistas, psiquiatras, cirurgiões vasculares, enfermeiras, pedagogos, assistentes sociais, professores...), manter o ideal de uma postura humanizadora, pois nossos pareceres são aqueles que o leigo considerará oficiais, a verdade oficial. Por conseguinte, não devemos falar ao leigo de forma a transparecer nossas opiniões pessoais como se fossem as profissionais.

O estudo das condições andróginas (ou ginândricas) não deve ser repostado, em especial à imprensa leiga, como algo patológico, mas como uma condição que pode ser adequada e que, antes de mais nada, o indivíduo deve ser considerado por seus valores pessoais.

Deve-se lembrar que diante da cultura atual a não decisão por um dos parâmetros bipolares masculino/feminino é considerada patológica e depreciativa. A atitude do profissional, assim identificado, é muito importante, pois o preconceito que transpareça será muito frisado e assimilado, em prejuízo de pacientes/orientandos e do desenvolvimento geral da comunidade e do conjunto social.

Lembre-se que o terapeuta sexual e o orientador sexual devem se valer e se adequar ao trabalho e às suas técnicas para a interação profissional com elementos andróginos. Em especial mantendo atitude profissional não indutora e formatizante, a fim de possibilitar o desenvolvimento pessoal e os objetivos de cada pessoa dentro de sua política individual de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BEM, S. L. The measurement of psychological androgyny. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 42(2): 155-62, 1974.
2. _____. Sex role adaptability: one consequence of psychological androgyny. *Journal of Personality and Social Psychology*, 31: 634-43, 1975.
3. BIANCO, F. J. Sexologia clínica. *Revista Latinoamericana de Sexologia*, 3(2):121-36, 1988.
4. CORSINI, R. J. (editor). *Encyclopedia of Psychology*. Vol. 1., New York, John Wiley & Sons, 1984.
5. DALY, M. *Gynecology: the metaethics of radical feminism*. Boston, Beacon, 1978.
6. DORIAN, A. F. *Elsevier's Encyclopaedic Dictionary of Medicine. Part A - general medicine*. Amsterdam, Elsevier, 1987.
7. ERIKSON, E. H. Identity and the life cycle. *Psychological Issues*, 1: 169, 1959.
8. FUCS, G. B. *Por Que o Sexo é Bom? Orientação Sexual para Todas as Idades*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1987.
9. GOLDENSON, R. M. & ANDERSON, K. N. *Dicionário do Sexo*. São Paulo, Ática, 1989.
10. HARRÉ, R. & LAMB, R. *The Encyclopedic Dictionary of Psychology*. Cambridge, The MIT Press, 1983.
11. HEILBRUM, C. G. *Toward a Recognition of Androgyny*. New York, Harper Colophon, 1973.
12. KAGAN, J. Acquisition and significance of sex-typing and sex-role identity. In M. L. Hoffman & L. W. Hoffman (eds.). *Review of Child Development Research*. Vol. 1: New York, Russel Sage Foundation, 1964.

13. KOHLBERG, L. A cognitive-developmental analysis of children's sex-role concepts and attitudes. In E. E. Mac Coby (ed.). *The Development of Sex Differences*. Stanford, Stanford University Press, 1966.
14. MAGGIO, R. The nonsexist word finder - a dictionary of gender-free usage. Phoenix, Oryx Press, 1987.
15. REBER, A. S. *The Penguin Dictionnary of Psychology*. Harmondsworth, Middlesex, Viking Pinguin Books, 1985.
16. RODRIGUES Jr., O. M. Propuesta de formación de orientadores en sexualidad en facultades de psicología. *Revista Latinoamericana de Sexología*, 4 (2): 211-21, 1989.
17. SANFORD, J. A. *The Invisible Partners: how the male and female in each of us affects our relationships*. New York, Paulist, 1980.
18. SINTEX DO BRASIL. *Pesquisa acerca dos Hábitos a Atitudes Sexuais dos Brasileiros*. São Paulo, Cultrix, 1983.
19. SPENCE, J. T.; HELMREICH, R.; STAPP, J. Rating of self and peer on sex-role attributes and their relation to self-esteem and conceptions of masculinity and femininity. *Journal of Personality and Social Pshychology*, 32 (1): 29-39, 1975.
20. STEINEM, G. *Outrageous acts and everyday rebellions*. New York, New American Library, 1983.
21. STOLLER, R. J. *Sex and gender*. New York, Science House, 1968.
22. STROUSE, J. S. & BUERKEL-RUTHFUSS, N. L. Media exposure and the sexual attitudes and behavior of college students. *Journal of Sex Education & Therapy*, 13 (2): 43-51, 1987.
23. VERSCHOOR, A. M. & POORTINGA, J. Psychosocial differences between dutch male and female transsexuals. *Archives of Sexual Behavior*, 17 (2):173-8, 1988.